



O DISCURSO DE ESCRITORES CONTEMPORÂNEOS DA AMAZÔNIA SOBRE A CRISE POLÍTICA NO BRASIL (2016-2019)

Vitor Cei Santos

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

E-mail: vitorcei@gmail.com

Resumo: O artigo propõe uma análise de entrevistas com oito escritores que nasceram na região norte brasileira, nos estados de Rondônia, Amazonas, Pará e Roraima: Daniel Munduruku, Elizeu Braga, Ely Macuxi, Hélio Rocha, Pâmela Filipini, Rubens Vaz Cavalcante, Vanessa Prieto e Vicente Franz Cecim. O objetivo é argumentar que as entrevistas, enquanto enunciações públicas de autorrepresentação dos escritores, revelam os diferentes modos como eles percebem as experiências sócio-políticas da atualidade brasileira (2016-2019), se e como participam delas ou, ainda, de que modo acreditam interferir com a sua produção nos eventos de consequências por ora imprevisíveis, tanto para a política quanto para a cultura em geral. Assim, tento compreender como uma parte dos escritores da Amazônia estão inseridos no contexto político atual, observando como eles se relacionam com as estruturas de dominação ou com as forças e formas de resistência, entrevendo assim reais possibilidades de transformação social.

Palavras-chave: Crise política. Entrevistas. Literatura amazônica. Política brasileira.

Introdução

Em consonância com o objetivo geral do projeto de extensão “Notícia da Atual Literatura Brasileira: Entrevistas”, que consiste num mapeamento da literatura brasileira do início do século XXI a partir da perspectiva dos próprios escritores, nosso intuito neste artigo é, considerando as respostas dadas às entrevistas realizadas entre maio de 2016 e março de 2019 com oito escritores da Amazônia brasileira – Daniel Munduruku (Belém, PA, 1964), Elizeu Braga (Tacoã, RO, 1985), Ely Macuxi (Terra Indígena Raposa Serra do Sol, RR, 1961), Hélio Rocha (Lábrea, AM, 1965), Pâmela Filipini (Rolim de Moura, RO, 1994), Rubens Vaz Cavalcante (Porto Velho, RO, 1959), Vanessa Prieto (Ji-Paraná, RO, 1979) e Vicente Franz Cecim (Belém, PA, 1946) – analisar os diferentes modos como eles percebem as experiências sócio-políticas da atualidade brasileira, se e como participam delas ou, ainda, de que modo acreditam

interferir com a sua produção nos eventos que vêm construindo este momento extremamente agitado e de consequências por ora imprevisíveis, tanto para a política quanto a cultura. Assim, tento compreender como uma parte dos autores da região norte estão inseridos no contexto político atual, observando como eles se relacionam com as estruturas de dominação ou com as forças e formas de resistência, no sentido de formar matéria crítica necessária à análise dos fenômenos políticos contemporâneos, de uma perspectiva ética, estética e histórica, entrevendo assim reais possibilidades de transformação social.

Consciente da imersão tanto de entrevistados quanto de entrevistadores no epicentro mesmo da história, proponho uma leitura em perspectiva comparatista daquelas respostas que revelam já certa memória do presente e de um passado recente, que se inicia com as tensões afloradas nas jornadas de junho de 2013 (SANTOS, 2015), extremadas logo depois com o processo que conduziu ao *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, em 2016 (SANTOS et al, 2017), e que seguiu, em 2018, com os desdobramentos da eleição, culminando, em 2019, nos turbulentos 100 primeiros dias de governo de Jair Bolsonaro. São eventos que redundaram, durante esse período, em inúmeras demonstrações de ódio e intolerância, além de vários outros sintomas de obscurantismo, de enunciação ora individual, ora coletiva, de “uma sociedade religiosamente fanática, sexualmente repressiva, anti-intelectualista e violentamente proto-fascista” (BORGES, 2017, p. 175).

Protestos nas ruas, pannels em residências, além de manifestações virtuais, como vídeos, textos e memes nas redes sociais, dentre outros eventos mais, ou menos organizados, vão revelando o matiz ideológico de nossa época, caracterizado por hegemonia cultural da direita e ascensão do conservadorismo. Nostálgicos e moralistas, os diferentes grupos da nova direita têm em comum “a intenção de mudar o Brasil – livrando-o da corrupção – não somente a partir de princípios vinculadores arcaicos, como Deus, Pátria e Família, mas também a partir da tentativa de reinstaurarão de princípios mais recentes, mas igualmente falidos: militarismo e neoliberalismo” (SANTOS, 2017, p. 211).

Com base nessas considerações, e diante de um momento social e político agudo como o que vivemos atualmente, selecionamos, como tema deste artigo, as respostas dadas, nas entrevistas, à pergunta que questiona mais diretamente acerca da percepção dos escritores da Amazônia sobre o atual momento histórico, no país e no mundo. Tendo passado por necessárias adaptações em cada uma das entrevistas, a pergunta, fechando uma série que varia entre dez e catorze questões, mantém o seguinte teor: “Atualmente, no Brasil e no exterior, vivemos a ascensão de uma onda reacionária que traz em si matizes racistas, fascistas, misóginos e homofóbicos. Gostaríamos que você nos ajudasse a compreender: onde estava guardada tanta monstruosidade? Houve um ponto ou marco crucial para a detonação de uma circunstância como esta que vivemos hoje? O que você imagina ou espera como desfecho do atual estágio da humanidade?”

Por razões metodológicas, cogitei dividir as perspectivas dos escritores sobre a atual crise política em duas grandes vertentes, a dos otimistas e a dos pessimistas, a primeira se revelando confiante em relação ao futuro, e, se não aprovando o presente, ao menos aceitando-o como é, ao passo que a vertente pessimista reprova o atual estado de coisas como algo que não deveria ser como é.

Ainda que exista um percentual significativo de cidadãos otimistas – o governo Temer terminou o mandato com apenas 5% aprovação (LABOISSIÈRE, 2018), mas o governo Bolsonaro é aprovado por 35% da população (MAZIEIRO, 2019) –, no caso das respostas colhidas nas entrevistas não existe otimismo. Todos os escritores entrevistados reprovam o estado das coisas atual e revelam algum grau de pessimismo, compreendido como a sensação de que o nosso país está se tornando o pior dos mundos possíveis. E os pontos de vistas dos entrevistados assemelham-se com os pontos de vistas apresentados por autores como Anderson (2016) e Santos et al (2015 e 2017).

Literatura e política, 2016-2019: faces da resistência

Segundo um levantamento realizado pela agência Pública em parceria com a Open Knowledge Brasil e divulgado pelo Mapa da Violência, entre 30 de setembro e 10 de outubro de 2018 aconteceram pelo menos 70 ataques violentos motivados por

desavença política eleitoral, a maioria deles promovido por apoiadores de um dos candidatos (MACIEL et al, 2018).

Também não podemos nos esquecer do assassinato da vereadora Marielle Franco, em março de 2018, no Rio de Janeiro; dos atentados contra a caravana do ex-presidente Lula, na noite de 27 de março de 2017, quando trafegava por uma estrada no interior paranaense; do atentado contra o então candidato Jair Bolsonaro, em Juiz de Fora, no dia 6 de setembro de 2018; e outros inúmeros casos de violência com motivações políticas.

Ely Macuxi acredita que chegamos ao estágio da barbárie porque “os doutos, da dita civilização nunca quiseram conversar e ouvir os povos indígenas, nosso ancestrais, nossos sábios”, pois “Os Povos Indígenas fizeram outras opções sociais, estabeleceram regras coletivas de convivência e sobrevivência”, conhecidas como “Bem Viver”:

Os 13 princípios da busca de equilíbrio são: saber nutrir-se do que é são, saber beber sentindo o fluxo da vida, saber dançar em conexão com o Universo, saber dormir entre um dia e outro, saber trabalhar alegremente, saber estar em silêncio meditativo, saber pensar com a mente e o coração, saber amar e ser amado, saber escutar a si, aos outros e à Mãe Terra, saber falar construtivamente, saber sonhar pra ter uma melhor realidade, saber caminhar sentindo-se acompanhado pelas boas energias e saber dar e receber (MACUXI, 2017, s. p.).

Os oito escritores entrevistados, pautados na rejeição (e muitas vezes, como o discurso indica, na resistência) à opressão presente numa sociedade que vivencia grandes conflitos, nos oferecem um diagnóstico de nosso tempo e codificam relações de poder e dominação, em oposição às ideologias, instituições e práticas hegemônicas. Alguns o expressam num tom melancólico, como é o caso de Rubens Vaz Cavalcante:

O homem achou que seria possível conquistar a paz com guerras. Conseguiu apenas despertar os monstros alojados em nós. E são esses monstros que nos inferizam diariamente, por fora e por dentro, anulando em grande parte nossa capacidade de conviver com a diferença. Estamos frágeis em relação ao mundo doente de desrespeitos, injustiças e violências que nos cercam (CAVALCANTE, 2019, s. p.).

O testemunho dos escritores, ao expor a íntima relação entre democracia e autoritarismo existente hoje no país, coincide com a análise de filósofos como Rodrigo Duarte, para quem a política brasileira contemporânea, longe de nos distanciar do fascismo, colocou-o no centro e fez dele um referencial inescapável:

Não tenhamos dúvida que a ameaça neofascista tanto mundo afora quanto aqui no Brasil é muito concreta. Em nosso país, certa histeria de classe média aliada a ressentimentos de diversas ordens serviu de base para a manipulação pelos meios de comunicação com uma intensidade nunca antes vista – aquilo que tem sido chamado de “jornalismo de guerra” –, com o objetivo de derrubar um governo democraticamente eleito, o que, infelizmente, acabou acontecendo. E, nessa “guerra”, o inimigo se constitui não apenas de pessoas esclarecidas e generosas, mas o próprio povo brasileiro em geral, que assiste agora – atônito – à maior retirada de direitos civis e trabalhistas da história do país. Um elemento claramente fascista dessa classe média histórica é a sua hostilidade aberta contra os que apoiam (e ainda apoiam) um projeto de país que, mesmo com problemas, parecia pôr o Brasil nos trilhos da civilização. O golpe mediático-parlamentar-judiciário-empresarial, de 2016, que tal classe média apoiou e até exigiu, lançou o país numa situação de indescritível barbárie (DUARTE, 2017, p. 302-303).

Podemos notar, em grande parte das respostas dos autores entrevistados, uma preocupação com aquilo que o filósofo Theodor Adorno denominou “atmosfera de agressividade emocional irracional”, cujo propósito político é “a abolição da democracia através do apoio de massa contra o princípio democrático”. (ADORNO, 1982, p. 119).

Considerando-se o teor preponderante nas respostas, o que há de mais detestável, para os escritores entrevistados, é o discurso de ódio, ou seja, a violência (legal ou ilegal) estabelecida como um código moralmente aceito. Como alerta Daniel Munduruku:

O que vejo é uma tentativa de manter o *status quo* onde uns mandam e outros obedecem. As mentes poderosas do planeta estão usando uns imbecis para criar a discórdia e fazerem as pessoas acreditarem que a economia e a religião salvarão o mundo. Pura ilusão. É tudo uma maquinação armada para frear o avanço dos direitos humanos, a divisão equânime das riquezas e a construção de uma sociedade global e igual. Tudo o que está sendo disseminado de ódio é apenas uma forma de desviar a atenção das pessoas dos reais interesses que estão em jogo. Desde quando discutir o nu artístico entrou na pauta

brasileira? Desde quando o casamento gay foi um problema? Desde quando a religião foi matéria de discussão do STF? Desde que começaram a descobrir que o povo estava empoderado. [...] A partir desse momento começaram a criar as cortinas de fumaça para desviar a atenção do povo de suas reais necessidades. (MUNDURUKU, 2018, p. 18).

Outros escritores avaliam que o discurso de ódio, isto é, o racismo, o fascismo, o machismo, a misoginia e a homofobia que vivemos atualmente, tanto no Brasil quanto no exterior, não tem nada de novo. Para Pâmela Filipini (2019, s. p.), “Todos somos um pouco monstros. Estava ali o tempo todo”. Vanessa Prieto avalia que a opressão do machismo começa tão cedo na vida das mulheres, “Numa mistura de desejo de proteger, mas também de reprimir a sexualidade feminina”, que ela demorou a entender o que estava em jogo (PRIETO, 2017, p. 118).

Hélio Rocha enxerga a crise atual como o momento de uma irrupção de sentimentos coletivos há muito guardados e que, a qualquer hora, haveriam mesmo de despertar, numa tentativa de restauração de valores que sustentam a sociedade brasileira desde os tempos coloniais:

Como leitor assíduo de relatos de viajantes estrangeiros ao Brasil e, em especial, à região amazônica, desde Carvajal (século XVI), e lendo também os relatos e crônicas dos viajantes dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX e, nos últimos 5 anos, trabalhando a tradução de alguns relatos, afirmo que todos esses viajantes, tem maior ou menor quantidade de assertivas preconceituosas em relação aos nativos e suas culturas [...] Como um *insider*, como um caboclo que estuda e pensa, escreve e leciona sobre as Amazônias, tenho que ter todo um cuidado discursivo para enxergar essas construções depreciativas, racistas, minimizadoras das culturas caboclas, do homem nativo, do pensar dos indígenas, de todo esse mundo que passou e ainda passa por genocídios. Essas monstruosidades estão guardadas nos relatos, nos romances, nas artes, nos documentos, enfim, estão em nossas mentes, em nossos modos de ser e de dizer; arraigados em nossos cérebros, em nossas vontades de imitação do outsider (ROCHA, 2018, s. p.)

A partir da consideração de que o discurso de ódio sempre esteve presente de forma mais, ou menos recalcada, o diferencial desta década seria a ampliação simultânea do discurso de ódio e do discurso das minorias, ambos potencializados a partir do advento das novas mídias e redes sociais: “Hoje, no entanto, há formas

(sobretudo as redes sociais) de ser voz tanto para o bem quanto para o mal” (FILIPINI, 2019, s. p.).

Sem responsabilizar o desenvolvimento tecnológico pela onda reacionária que rapidamente se espalha, considerando que a violência e o ódio sempre estiveram presentes, nota-se que a visibilidade hoje é maior: “A internet é uma ferramenta que conecta utopias mas também difunde o ódio. E já tem um tempo que a internet pauta a televisão. Mas ainda rola os embates das narrativas” (BRAGA, 2018, s. p.).

Os novos atores políticos – dentre os quais se destacam os “influenciadores digitais” – se apropriaram dos mais recentes meios de comunicação de massa, como Facebook, Twitter e YouTube, promovendo um marketing político de penetração social nunca vista. Segundo o livro *O Príncipe Digital* (2016), de Maira Bittencourt, as redes sociais, em aliança – e às vezes em conflito – com os poderes políticos e econômicos institucionalizados, tornaram-se o principal espaço de mobilização social, sendo que atualmente seus novos líderes de opinião são tão influentes quanto o Estado e a Imprensa, forças tradicionais de poder, hegemonia e liderança.

Até meados do século XX o jornalismo impresso foi o principal veículo de comunicação dos poderosos, enquanto na segunda metade do século, o rádio e a televisão passaram a exercer as funções sociais de Príncipe, com o suporte e apoio dos grandes grupos econômicos e políticos. No século XXI, de acordo com Bittencourt (2016), surge o Príncipe Digital, que não nasce das mídias tradicionais de massa, não precisa ser um intelectual e nem sempre se alinha com os grupos econômicos e políticos hegemônicos. No entanto, ele é tão ou mais influente e eficaz do que as forças tradicionais de poder, hegemonia e liderança.

Os novos líderes de opinião, que surgem na internet e podem ser jovens agitadores como Kim Katagiri ou idosos pseudointelectuais como Olavo de Carvalho, passaram a ocupar o lugar de liderança que Maquiavel atribuiu ao governante, Gramsci ao intelectual orgânico e Ianni aos porta-vozes dos grandes meios de comunicação:

Em plena era da velocidade e multiplicidade da informação, seria muito raso e simplório atribuir a uma liderança a figura de um Príncipe. As estruturas são muito mais complexas. Não existe mais influência unilateral direta nem há a possibilidade de centralidade de poder,

como existiu em Maquiavel. Não podemos atribuir nem mesmo a um grupo a condição de grande influenciador social ou de condutor dos processos de Mobilização Social, como defendia Gramsci. Também não é possível conferir a alguns meios de comunicação esse poder, como afirmava Ianni (BITTENCOURT, 2016, p. 99).

Não obstante, também há quem anseie por uma autoridade absoluta, que se afirme como possuidora de valores supremos: “ordem e progresso”, nos termos do *slogan* positivista presente na bandeira do país e adotado pelo governo Temer. Ou: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, como quer o atual Presidente da República, que imita o slogan da Alemanha nazista: “*Deutschland über alles, Über alles in der Welt*” (Alemanha acima de tudo, acima de tudo no mundo). Também vale lembrar que “Deus está conosco” (*Gott mit uns*) foi um slogan nazista, presente nas fivelas dos militares da *Wehrmacht*, as forças armadas da Alemanha durante a ditadura de Adolf Hitler. E, ainda que o risco do totalitarismo seja grande, Elizeu Braga observa que “Muito discurso de ódio não resiste ao vento da varanda de casa”. O poeta da casa Arigóca acredita no diálogo e na mudança:

Penso e tenho a esperança numa coisa, o movimento, a certeza que as coisas se movem me dão esperança de viver. E se existe uma certeza, é essa, estamos nos movendo. Mesmo parados, sentados, o planeta se movimenta, a luz muda, a gente sente e se mexe. Acredito que esse avanço do movimento fascista é uma reação ao avanço do movimento de descolonização. É o patriarcado rachando e o machismo ficando nu. A reação de um monstro se sentindo acuado é gritar e atacar (BRAGA, 2018, s. p.).

Mesmo com ou justamente devido à ascensão da barbárie, destaca-se a certeza de que é preciso resistir. Resistir a toda arbitrariedade, resistir à crescente violência e à lei da mordação. Apesar desse quadro tenebroso, e para que cada uma dessas vidas, assim como suas lutas, não se transforme em apenas mais um número nas estatísticas, vislumbra-se um caminho a trilhar, capaz, imagina-se, de reverter a barbárie.

“Como combater isso?”, indaga Pâmela Filipini (2019, s. p.), que responde: “A literatura é um dos meios mais profundos de humanização”. Elizeu Braga endossa e acrescenta que a literatura deve ser usada como ferramenta de expressão, criação e ativismo democrático em favor do bem comum. Para ele, precisamos ver “o livro como

um objeto mágico, não como uma ferramenta de tortura”. A poesia deve ser encarada como atitude:

E a rua se pauta nas experiências revolucionárias. As batalhas de rima, as oficinas, os Slams, os grafites, o hip Hop, os Saraus e casas coletivas, a galera que se junta e ocupa as praças. Que estão propondo na prática o exercício de uma sociedade que se relacione bem melhor (BRAGA, 2018, s. p.).

Rubens Vaz Cavalcante (2019, s. p.), em contrapartida, não acredita que “a poesia possa nos salvar de nós mesmos. Mas ela pode ser o arco, a flecha e o alvo na melhora das relações interpessoais. Um início de caminhar”. Em pleno século XXI nós não podemos aceitar perseguições e guerras políticas. A violência só se desencadeia quando uma das ideologias pretende ser a única e valer para todos. A literatura pode colaborar para que a pretensão metafísica de valores absolutos seja deixada de lado, em nome da paz e da democracia.

Espero, assim como Vicente Franz Cecim, que tenhamos “um profundo sentimento de Unidade”. Devemos ser capazes de “ver a *Semelhança na Diferença*”, pois “o homem precisa se deixar cair do ponto insustentável onde se instalou para ter o direito de adquirir asas. Será durante sua queda que descobrirá sua leveza possível” (CECIM, 2017, p. 124). Que a política seja tratada como a construção de um futuro comum.

Considerações

Com este artigo, almejo contribuir com os esforços por um amplo e inclusivo espaço de debate sobre as atuais problemáticas sociais e políticas que afetam o Brasil, especialmente após a crise política que se intensificou no país depois de junho de 2013. Os sentidos e o legado das manifestações populares e do net-ativismo despertam amplo interesse, não apenas dos especialistas das ciências humanas, que estudam a cultura política contemporânea, mas também dos escritores e críticos literários brasileiros que sentem desconforto intelectual diante do horizonte da atual dinâmica política.

No atual cenário de múltiplas possibilidades interpretativas, as entrevistas com escritores da Amazônia contribuem com uma nova interpretação de inegável valor para os estudos sobre literatura e políticas do contemporâneo. Os oito entrevistados questionam os costumes e crenças dominantes, transgredindo os valores mais prezados pelas forças conservadoras. Por conseguinte, suscitam a necessidade de elaborar e criticar o presente prejudicado, mantendo a fidelidade às utopias ainda não realizadas pelos brasileiros. Há, pois, nas entrevistas uma perspectiva crítica que não pode ser ignorada e, em sua esteira, um potencial reflexivo propício à construção de operadores teóricos com eficácia suficiente para ampliar a reflexão crítica sobre a visão amazônica acerca da política brasileira contemporânea.

Os habitantes da Amazônica brasileira, região que se formou a partir do genocídio e do etnocídio de povos indígenas, chegando ao século XX com diversas formas de exclusão e opressão, e que sofrem todos os dias com a barbárie, precisam levar em conta todas as experiências de violência do passado e do presente.

O âmago da questão é que para salvar o passado de opressão, mantendo a fidelidade às utopias não realizadas, seria necessário eliminar no presente as causas da barbárie, pois “a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão. É isto que apavora” (ADORNO, 2003, p. 119).

Diante das dificuldades de mudar os pressupostos sociais e políticos que geram a barbárie, Theodor Adorno exige um pensamento impiedosamente crítico, que não aceite a máquina de guerra, tampouco a máquina de esquecimento. A literatura amazônica deve contribuir para a formação de indivíduos autônomos, autocríticos e com vínculos sociais, eliminando, no que têm de fundamental, as condições que geram a violência. Assim, se reduz a possibilidade de ocorrência de novas barbáries.

Referências

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.



ADORNO, Theodor W. Freudian Theory and the Pattern of Fascist Propaganda. In: ARATO, Andrew; GEBHARDT, Eike (org.). **The Essential Frankfurt school reader**. New York: The Continuum Publishing Company, 1982, pp. 118-137.

ANDERSON, Perry. A crise no Brasil. Trad. Fernando Pureza. **Blog da Boitempo**, São Paulo, 21 abr. 2016. Disponível em: <<http://www.bresserpereira.org.br/terceiros/2016/abril/16.04-Crise-no-Brasil.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2016.

BITTENCOURT, Máira. **O Príncipe Digital**. Curitiba: Appris, 2016.

BORGES, David G. “1984” e o Brasil de 2016. In: CEI, Vitor; DANNER, Leno; OLIVEIRA, Marcus Vinicius Xavier de; BORGES, David G. (org.). **O que resta das jornadas de junho**. Porto Alegre: Editora Fi, 2017, p. 163-177.

BRAGA, Elizeu. **Entrevista concedida a Vitor Cei Santos** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <vitorcei@unir.br> em 27 set. 2018.

CAVALCANTE, Rubens Vaz. **Entrevista concedida a Vitor Cei Santos** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <vitorcei@gmail.com> em 03 mar. 2019.

CECIM, Vicente Franz. No como se: entrevista com Vicente Franz Cecim. **Labirinto**, Porto Velho, v. 27, 2017, p. 118-125. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/view/3189>>. Acesso em 25 abr. 2019.

SANTOS, Vitor Cei. 2017, p. 205-223.

SANTOS, Vitor Cei et al, 2017.

SANTOS, Vitor Cei et al 2015.

DUARTE, Rodrigo. A Dialética do Esclarecimento faz 70 anos: entrevista com Rodrigo Duarte. **Opinião Filosófica**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, 2017, p. 297-307. Disponível em: <<http://periodico.abavaresco.com.br/index.php/opiniaofilosofica/article/view/739>>. Acesso em 25 abr. 2019.

FILIPINI, Pâmela. **Entrevista concedida a Vitor Cei Santos** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <m.me/vitorcei> em 06 mar. 2019.

LABOISSIÈRE, Paula. CNI/Ibope: 74% avaliam governo Temer como ruim ou péssimo. **Agência Brasil**, Brasília, 13 dez. 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-12/cniiboep-74-avaliam-governo-temer-como-ruim-ou-pessimo>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

MAZIEIRO, Guilherme. Governo Bolsonaro é aprovado por 35% da população, diz Ibope. **Uol Notícias**, Brasília, 24 abr. 2019. Disponível em:



<<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/04/24/pesquisa-ibope-governo-bolsonaro-abril.htm>>. Acesso em 25 abr. 2019.

MACIEL, Alice et al. Apoiadores de Bolsonaro realizaram pelo menos 50 ataques em todo o país. **Pública**, São Paulo, 10 out. 2018. Disponível em: <<https://apublica.org/2018/10/apoiadores-de-bolsonaro-realizaram-pelo-menos-50-ataques-em-todo-o-pais/>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

MACUXI, Ely. Entrevista com Ely Macuxi, autor de Ipaty: o curumim da selva. São Caetano do Sul, **Correio da Cidadania**, 21 dez. 2018, s. p. Disponível em: <<http://www.correiodacidade.com.br/cultura-esporte/13618-entrevista-com-ely-macuxi-autor-de-ipaty-o-curumim-da-selva>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

MUNDURUKU, Daniel. Literatura indígena: Daniel Munduruku. Brasília, **Voz da literatura**, n. 5, set. 2018, p. 16-18. Disponível em: <<https://www.vozdaliteratura.com/principal/brasis-daniel-munduruku>>. Acesso em 25 abr. 2019.

PRIETO, Vanessa. O encontro de imagem e palavra: entrevistas com Vanessa Prieto e Marina Faria. Curitiba - PR: **Revista Científica/FAP** v. 16 n. 1, 2017, p. 111-128. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/2071>>. Acesso em 25 abr. 2019.

ROCHA, Hélio. **Entrevista concedida a Vitor Cei Santos** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <vitorcei@unir.br> em 27 set. 2018.

Contemporary Amazonian writers discourse about the political crisis in Brazil (2016-2019)

Abstract: The article proposes an analysis of interviews with eight writers who were born in the northern Brazilian region, in the states of Rondônia, Amazonas, Pará e Roraima: Daniel Munduruku, Elizeu Braga, Ely Macuxi, Hélio Rocha, Pâmela Filipini, Rubens Vaz Cavalcante, Vanessa Prieto and Vicente Franz Cecim. The objective is to argue that the interview, as a public enunciation of the authors' self-representation, reveals the different ways in which they perceive the socio-political experiences of Brazilian reality (2016-2018), whether and how they participate in them or how they interfere with their production in the events of unpredictable consequences for Brazilian politics and culture in general. I try to understand how a part of the writers of the Amazon are inserted in the current political context, observing how they relate to the structures of domination or with the forces and forms of resistance, seeing real possibilities of social transformation.

Keywords: Political crisis. Interviews. Amazonian Literature. Brazilian politics.